



Abraão, servo de Yahweh?

Oswaldo Luiz Ribeiro¹

Resumo

O presente artigo trabalha com as ocorrências da tradição de Abraão na Bíblia Hebraica, levantando suspeitas sobre a forma final destas tradições nos textos de Ez 33,24, Is 63,16, Js 24,2.3 e Ex 6,3, procura reconstruir a história local por trás da tradição hegemônica, explicando tal tradição a partir das suspeitas levantadas nos textos mencionados, defendendo a hipótese de que a tradição foi formulada estratégica e programaticamente pela *golah*, mostrando um Abraão exemplo, campeão de Yahweh, no que diz respeito à herança da terra.

Palavras-chave: Abraão, *Golah*, Tradição, Política.

1. Da introdução e das aproximações epistemológica e metodológica

É natural supor – e constatar – que as referências a Abrão/Abraão se concentrem, na Bíblia Hebraica, no Pentateuco, e, aí, em *Gênesis*. As ocorrências de “Abrão” e de “Abraão” são as seguintes:

¹ Teólogo, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Abrão/Abraão:

- a) em *Gênesis* Gn 11,26.29.31; 12,1.4.9.14.16; 13,1.4.7.12.14.18; 14,12.19.21; 15,1.11.18; 16,1.5.15; 17,1.3.5.9.15.17.22.26; 18,6.11.13.16.22.27.33; 19,27.29; 20,1.9.14.17; 21,2.7.14.22.24.27.34; 22,1.3.13.19.23; 23,2.5.7.10.12.14.16.18; 24,1.6.9.12.15.27.34.42.48.52.59; 25,1.5.10.19; 26,1.3.5.15.18.24; 28,4.9.13; 31,42.53; 32,10; 35,12.27; 48,15; 49,30; 50,13.24;
- b) depois de *Gênesis*: Ex 2,24; 3,6.15; 4,5; 6,3.8; 32,13; 33,1; Lv 26,42; Nm 32,11; Dt 1,8; 6,10; 9,5.27; 29,12; 30,20; 34,4.
- c) fora do Pentateuco: Js 24,2; 1 Re 18,36; 2 Re 13,23; 1 Cr 1,27.32.34; 16,16; 29,18; 2 Cr 20,7; 30,6; Ne 9,7; Sl 47,10; 105,6.9.42; Is 29,22; 41,8; 51,2; 63,16; Jr 33,26; Ez 33,24; Mi 7,20.

Desse conjunto de ocorrências, chegou até nós a tradição consoante à “formatação final” do Tanach, aquilo a que Lévinas (para um exemplo no campo da teologia/filosofia) se referiu como “é quando o conjunto da Bíblia se torna o contexto do versículo”² e que, tecnicamente, Brevard S. Childs (para um exemplo no campo da exegese/hermenêutica), pretendeu nos incentivar a praticar e a chamar de “canonical approach”³ – o “argumento”: houve um Abrão, a quem Yahweh aparece como El Shadday (Gn 17,1 → Ex 6,3), toma pela mão e dá novo nome, Abraão (Gn 17,5; 1 Cr 1,27). Esse Abraão será pai de uma “nação” (através de Isaque e Jacó em Gn 17,5; 26,24 e 28,4; Mi 7,20), receberá como herança/promessa toda a terra de Canaã (Gn 17,8 ; 2 Cr 20,7), desde que guarde a “aliança” de Yahweh (Gn 17,9; 18,19). Isaque é o “primeiro” filho dessa promessa (Gn 17, 18, 21, 22 e 25). Os descendentes de Isaque receberão a terra prometida a Abraão (Gn 26,3; cf. 17,5-9), e isso *porque* Abraão “obedeceu” a voz de Yahweh, seus estatutos, suas leis (Gn 26,5; Ne 9,7-8). Isaque gera Jacó – ele e seus descendentes constituem o próximo elo da corrente/promessa (Gn 28,13). Assim elaborada – Abraão, Isaque e Jacó – a fundação tradicional da promessa da terra será contada em amplos espaços da Bíblia Hebraica:

- a) nas narrativas sobre José (Gn 50,24);

² Conferir LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à Ideia*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 129.

³ Conferir NOBLE, Paul R. *The Canonical Approach: A Critical Reconstruction of the Hermeneutics of Brevard S. Childs*. Leiden: Brill, 1995.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

- b) em Ex 2,24; 3,6.15.16; 4,5; 6,8; 32,13; 33,1;
- c) em Lv 26,42 (em ordem invertida: Jacó, Isaque, Abraão);
- d) em Nm 32,11;
- e) em Dt 1,8; 6,10; 9,5.27; 29,12; 30,20; 34,4;
- f) em Js 24,2-3;
- g) nas narrativas sobre Elias: 1 Re 18,36;
- h) 2 Re 13,23;
- i) o cronista: 1 Cr 1; 1 Cr 16,16-17; 29,18; 30,6;
- j) Sl 105,6-9; e l) Jr 33,26.

Recentemente, fomos orientados por Gianni Vattimo a considerar-nos, ocidentais, necessariamente “cristãos” e, cristãos, necessariamente “ocidentais”, porque o território pós-moderno e niilista em que nos encontramos é, naturalmente, a desembocadura da “tradição” cristã⁴. Tradição – pedra de toque, de esquina, de fundação! Gadamer tratou de torná-la conceito “forte”⁵. Levada ao extremo do provincialismo – mas, em si mesmo, como atitude e ato, nada mais nada menos do que um compromisso precisamente gadameriano – defende-se, ainda, uma teologia confessional na Academia⁶. Vattimo filia-se a ela, ainda que, por outro lado, denuncie que “a metafísica tem sobrevivido porque (e junto com) a antiga estrutura de ‘poder’ tem sobrevivido. Assim, por

⁴ Ler, no conjunto: VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004 e o capítulo intitulado A Idade da Interpretação em: ZABALA, S. (org). *O Futuro da Religião: solidariedade, caridade e ironia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

⁵ É a opinião, de Julio Trebolle BARRERA : “numa aproximação crítica às colocações hermenêuticas de Gadamer, pode-se dizer que este desenhou uma hermenêutica universal, para além do controle do método científico. Gadamer não desenvolveu uma verdadeira reflexão metodológica, pelo que se pode acusá-lo de propiciar um niilismo metodológico e, em consequência, um relativismo ou um anarquismo de interpretação (Betti). É possível objetar também a Gadamer que ele valoriza excessivamente a tradição, considerada nada menos que a instância crítica que seleciona as pré-compreensões válidas e despreza as falsas” EM: *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 681 e PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa, 70, 1999, p. 167-219, que aqui se acompanha.

⁶ Conferir VON ZINNER, Rudolf. Teologia como ciência. Em: *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 2, 2007, p. 57-66 e MUELLER, Enio R., A teologia e seu estatuto teórico: contribuições para uma discussão atual na universidade brasileira. Em: *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 2, 2007, p. 88-103.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

exemplo, a Igreja cristã, sendo a cabeça do Império Romano, não poderia abandonar essa estrutura de poder e não foi capaz de desenvolver todas as implicações não-metafísicas do cristianismo”⁷. Ora, a “tradição” herdada, Vattimo, o que é senão o reflexo histórico-social da ontologia revelada? Não se pode, com uma mão, dar adeus à metafísica e, com a outra, um olá à tradição. Antes, é preciso cavar – profundamente:

“... onde quer que estejas, cava profundamente,
Em baixo fica a fonte.
Deixa os homens sombrios gritar:
‘Em baixo fica sempre o inferno’ ”⁸.

Ou, para o dizer num espírito próprio à tradição – ironia – batista: “evitar a esterilidade do tradicionalismo” e como?: “aceitar a responsabilidade da autocrítica [e] discordar”⁹.

Isso em termos epistemológicos. E em termos metodológicos? Aqui, recomendam-se e empregam-se dois: a análise do discurso, de um lado, e o paradigma indiciário¹⁰, de outro. Lá, quer-se ouvir o discurso – e não é a tradição, a formatação canônica, a “conta de chegada”, esse discurso, mas cada uma das vezes que se pode contar a palavra “Abraão” em cada uma das perícopes em que, independentemente da(s) outra(s) ela ocorre. Aqui, tomar as pistas, os vestígios, os indícios aí deixados pela objetivação de consciência de seus respectivos autores – e ir à caça¹¹.

⁷ VATTIMO, *Qual é o futuro da religião após a metafísica?* Em: ZABALA, *O futuro da religião*, p. 85.

⁸ Conferir NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência: Aforismo 3*. 5a.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

⁹ CONVENÇÃO BATISTA DO SUL DOS ESTADOS UNIDOS, *Princípios Batistas*, v, 9, 3a. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

¹⁰ Para o “paradigma indiciário”, conferir C. GINZBURG, *Sinais, raízes de um paradigma indiciário*, Em: *Mitos, emblemas, sinais*. 2a. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 143-179. Trata-se da defesa da metodologia de investigação de objetos não diretamente disponíveis, a exemplo da caça, da medicina, da história, da investigação forense, da exegese, cujo modelo seria a do “caçador”.

¹¹ “Ir à caça” é uma expressão que tanto se refere a Carlo Ginzburg – paradigma indiciário/venatório – quanto a Marc Bloch – a metáfora do ogro a devorar carne humana, da lenda *O historiador*. Cabe ao leitor, criticamente, verificar se à fome soube-se juntar, também, a etiqueta à mesa.



2. Dos discursos enviesados que a tradição sufoca

Ez 33,24

Carregado de suspeita, o leitor encontra-se diante de Ez 33,24. A passagem é desconcertante: “os habitantes destas desolações sobre o solo de Israel estão dizendo, a dizer: “Um era Abraão!, e possuiu a terra. E nós somos muitos – a nós foi dada a terra para possessão!”¹². Alonso-Schökel traduz assim: “os moradores daquelas ruínas da terra de Israel andam dizendo: “Se Abraão, que era um só, tomou posse da terra, quanto mais nós, que somos muitos, seremos donos da terra” (*Bíblia do Peregrino*). Parece ser este último o sentido intencional da frase. Há uma disputa entre, de um lado, Yahweh e o “filho de Adão”, e, de outro, “os habitantes daquelas ruínas”¹³. A disputa concentra-se sobre a posse da *ʿereṣ* – a terra. Desta, diz-se que Abraão a possuiu/tomou por posse. Disso estávamos informados pela tradição. Mas, agora, um dado novo aparece: Yahweh está em disputa com os “habitantes daquelas ruínas” – e são eles que apelam para Abraão¹⁴.

Há outro dado. A resposta de Yahweh é surpreendente – pelo fato de ter sido ela dirigida a quem apela para Abraão como antepassado! Tais habitantes das ruínas são acusados de idolatria (“comeis nos montes, levantando os olhos para vossos ídolos” – Ez 33,25). Por isso, e por outros “crimes” alegados, eles cairão à espada, e a terra será reduzida a *šumāmā^h ûmušammā^h* – “devastação e desolação”¹⁵. Quando Yahweh fizer isso, “eles saberão que eu sou Yahweh” (Ez 33,29).

¹² Tradução literal do autor.

¹³ Conferir GOSSE, Bernard. *Structuration des grands ensembles bibliques et intertextualité à l'époque perse: de la redaction sacerdotale du livre d'Isaïe à la contestation de la sagesse*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1997, p. 93. Também JERICKE, Detlef. *Abraham in Mamre: historische und exegetische studien zur region von Hebron und zu Genesis 11,27- 19,38*. Leiden: Brill, 2003, p. 8.

¹⁴ Conferir SCHMIDT, Ludwig. *Gesammelte Aufsätze zum Pentateuch*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1998, p. 124-127.

¹⁵ Conferir a hendiade/aliteração semelhante, em contexto muito próximo, em Gn 1,2: *tôhû wăbôhû* – “desolação e deserto” – a rigor, ambas se referem à terra de Judá, devastada.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Anote-se o primeiro “dado”: Ez 33,24 aparece como um ruído na tradição, porque deixa a suspeita de que os “descendentes” de Abraão não fossem, afinal, adoradores (exclusivos apenas?) de Yahweh.

Is 63,16

Mas há mais sob os escombros. Por exemplo, se as “escavações” continuam na região da catástrofe, pode-se ficar não apenas desconcertado, mas desorientado, diante de Is 63,15-19a (a referência a “Abraão” está no v. 16). Trata-se de uma súplica. Apela-se a Yahweh de uma maneira inusitada – “Tu é que é nosso pai: Abraão não nos conhece e Israel não nos reconhece” (v. 16). Quem o diz reconhece-se “extraviado dos teus caminhos”: Yahweh está diante “deles” (v. 17). O “teu povo santo” foi capturado, e o “santuário”, pisoteado (v. 18). E, finalmente, a declaração fulminante: “nós estamos (hāyînu) como outrora (mē^côlām): não dominas sobre nós (lō³-māšaltā bām), não proclamas o teu nome sobre nós (lō³-niqrā³ šimkā ‘ālêhem)”. O que quer dizer isso? Bem, depende de se fazer o texto coincidir ou não com a tradição!

“Tornamo-nos como aqueles sobre quem tu nunca dominaste e como aqueles que nunca se chamaram pelo teu nome” – traduz a *Almeida, revista e corrigida* (é uma versão padrão para as *Almeida*, de modo geral). Mas não apenas ela. O conjunto dessas versões faz o texto hebraico adaptar-se à tradição: nós sempre fomos teus servidores, desde sempre, mas, agora, somos como aqueles que desde sempre nunca o foram. O mesmo efeito tradicionalizante obtém-no a TEB, por meio de uma estratégia diferente, mas igualmente brilhante: “e desde muito tempo nós somos aqueles sobre os quais tu não exerces mais a tua soberania, aqueles sobre os quais o teu nome não é mais invocado”. Aí está: “sobre os quais tu não exerces *mais* a tua soberania”, isto é, nós e agora, mas antes, sim, antes exercias, sobre nós, a tua soberania. O mesmo o quer *fazer dizer a Bíblia de Jerusalém*: “há muito que somos um povo sobre o qual não exerces o teu domínio, sobre o qual não



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

se invoca o teu nome” – ou seja, exercias, mas não mais, desde há muito tempo... Como o quer a *Vozes*: “parece-nos que há muito tempo não nos governaste, que já não temos seu nome”. Croatto passa ao largo da questão¹⁶.

Que questão? Ora, essa conformidade de Is 63,19 não é percebida, por exemplo, por Alonso-Schökel: “estamos como outrora, quando não nos governavas e não levávamos teu nome”. Um *jebí de direita* na “tradição”, não? “Nós” – de quem Yahweh é nosso redentor (v. 16) – estamos, agora, como éramos antigamente: estranhos a ti e sem carregar teu nome... “Nós”, aí, não era um grupo de servidores de Yahweh – outrora... A *Bíblia Pastoral* expressa disso: “estamos como outrora, quando ainda não nos governavas, quando sobre nós o teu nome nunca fora invocado”.

Alonso-Schökel (*Bíblia do Peregrino*) e a *Bíblia Pastoral* traduzem muito literalmente o texto hebraico. Literalmente: “nós estamos (hāyînu) como outrora (mē‘ôlām¹⁷): não dominas sobre nós (lō³-māšaltā bām), não proclamas o teu nome sobre nós (lō³-niqrā³ šimkā ‘ălêhem)”. É preciso, apenas, fazer contas sintáticas, porque, como se pode ilustrar o que Aeurbach dizia¹⁸, o estilo judaico tende ao formato do queijo-suíço, uma descrição cheia de buracos (o leitor/ouvinte deve fazer força para acompanhar o declamador/escritor!). Is 63,19a afirma que, hoje, nós estamos como estávamos outrora. Como estávamos outrora? Estávamos sem o domínio de Yahweh, sem o seu nome sobre nós. E agora? Também. O que isso quer dizer? Aparentemente, que: a) antigamente, éramos os sem-o-domínio-de-Yahweh, ou, dito de outro modo, estávamos sob domínio de outros

¹⁶ Conferir CROATTO, Jose Severino. *Isaias III (56-66) - A palavra profética e sua releitura hermenêutica: a utopia da nova criação*. Série Comentários Bíblicos. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 291-297.

¹⁷ Para a preposição *min* como “comparativo”, conferir ALONSO-SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 382-383.

¹⁸ “Só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários. O todo, dirigido com máxima e ininterrupta tensão para um destino e, por isso mesmo, muito mais unitário, permanece enigmático e carregado de segundos planos”. AURBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4a.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p.9.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

deuses¹⁹. Mas, um dia, Yahweh nos redimiu (Is 63,16-17). Agora, desde aí, estávamos sob seu domínio e sob seu nome. Mas, de repente, o inimigo vem e nos captura, “pisoteia” o “teu santuário”. Quanto a nós, desviaste-nos dos teus caminhos e endureceste nossos corações – de modo que estamos longe de ti. Por isso, agora, é como outrora. Sem teu domínio, sem teu nome, sem ti. O que Alonso-Schökel e a *Pastoral* fazem é formatar um pouco mais claramente o nível da comparação – insinuando um *quando* entre os dois impulsos do v. 19a: “estamos [agora] como outrora, *quando* não dominavas sobre nós, *quando* teu nome não fora [ainda] proclamado sobre nós”.

Só essa constatação, essa iconoclastia em face da “tradição”²⁰ já seria suficiente para nos recomendar a “pôr a barba de molho” diante de discursos que nos parecem querer **permanecer** acomodados diante da Tradição. Nada de acomodação – cordura, crítica, escavação! Mas ainda há aquela referência inusitada a Abraão no v. 16. O que significa “nós” em Is 63,16-19a, afirmando não ser reconhecido por Abraão?

Há duas hipóteses fortes. Primeiro, apela-se não mais para a tradição da posse da terra, cuja base é Abraão e Jacó, isto é, Israel, apelando-se já, diretamente, para o próprio promulgador da promessa (*ainda que* Abraão não nos reconheça, tu é que és nosso pai). Ou, alternativamente, no horizonte de produção da súplica, há um “Abraão” que não reconhece em “nós” herdeiros da promessa. Se “nós”, aí, coincidir com o “Yahweh” de Ez 33,24, que reclama do fato de “os habitantes daquelas ruínas” apelarem para Abraão para a defesa da propriedade da terra, talvez faça sentido interpretar literalmente essa referência a Abraão: é a *golah* se pronunciando em relação ao fato de que ela não tem nem a terra, nem Abraão, nem Israel, nem Yahweh – perdeu tudo: mas ainda tem em Yahweh a

¹⁹ Se não era Yahweh o “deus” deles, segue-se que deveria ser outro/a, ou deveriam ser outros/as, porque é impensável um “ateísmo” institucional/cultural naqueles tempos e naquele lugar.

²⁰ Observe-se que se trata de duas versões da própria Bíblia: no início, antagônicas, uma delas, contudo, sobrepõem-se, pela força institucional, à outra, que, a despeito de permanecer registrada, perde-se, porque os olhos dos leitores deixam-se guiar pela versão vitoriosa. Felizmente, é possível a reconstrução indiciária do processo.



figura de um pai. A consequência, contudo, é ter que admitir que não apenas os antepassados de Abraão, “os habitantes daquelas ruínas”, mas até a *golah*, todos, indistintamente, antigamente, não serviam a Yahweh – mas a outros deuses.

Js 24,2-3

Cavemos mais fundo. Enquanto se desenrola diante de nossos olhos a eminente Assembleia de Siquém, prestemos atenção²¹ ao não-dito, às entrelinhas. “Antigamente (uma ponte para Is 63,19a?), vossos pais viveram além do rio Eufrates. Eram eles Taré e Nacor, e serviam a outros deuses” (Js 24,2). Do meio dessa família, Yahweh diz ter tomado Abraão, feito a ele caminhar por toda Canaã, ter-lhe dado Isaque, a Isaque, Jacó – e, daí em diante, sabe-se: a tradição.

Haroldo Reimer e eu escrevemos um artigo sobre Js 24²². Neste artigo propusemos considerar essa uma típica narrativa mítico-literária, produzida pelo Templo de Jerusalém, por ocasião do retorno da *golah*, com o objetivo de reler – ideologicamente, oficialmente – a história. A presença de Abraão aí faz todo sentido. Se estivermos, mesmo, no centro nervoso dos acontecimentos ligados à construção da Nova Ordem – a Nova Jerusalém, sob a Pérsia –, e se há “habitantes daquelas ruínas” opondo-se ao Projeto, sustentando-se retórica e ideologicamente em Abraão – nada mais natural do que a *golah* cooptar a memória desse Abraão, torná-lo seu, e empregar a sua força traditiva para fazer valer, por meio da própria tradição ligada à personagem, as suas prerrogativas político-religiosas. A terra, sim, é de Abraão: Abraão, sim, está com Yahweh. Eu, Josué (não por acaso é o

²¹ Nunca mais se poderá escrever essa frase impunemente, porque Marcel DETIENNE a usa, metodologicamente, para referir-se àqueles que se distinguem por uma atenção redobrada – “tomemos um deus como Apolo (...) em seus epítetos, seus cultos, seus rituais, ele oferece, *para quem sabe prestar atenção*, modos muito concretos”. Em: *Comparar o Incomparável*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004, p. 113, grifo meu.

²² Conferir REIMER, Haroldo e RIBEIRO, Osvaldo Luiz. De Siquém a Jerusalém: Josué 24,1-28 como narrativa mítico-literária. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 61, 2008.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

mesmo nome do sacerdote do templo de Jerusalém) e minha casa serviremos a Yahweh (como Abraão) e seremos donos da terra!

Essa narrativa parece-me a consubstanciação plástica da retórica da *golah*. Projeta no passado, é a função das narrativas mítico-literárias²³, o conflito instalado no horizonte de produção da narrativa, projeta lá as personagens envolvidas, resolve, lá, o conflito, fazendo-o ter sido resolvido eminentemente lá e então, no tempo mítico das origens fundantes, retornando, então, pleno de poder retórico, com a solução na mão. Quer-se saber quem escreve a narrativa? Quem vence o conflito – naturalmente: Josué, general do profeta do deus cujo amigo é Abraão.

De Ex 33,24 salta-se bastante plausivelmente para Js 24,2-3.

Ex 6,3

É verdade que a tradição, uma vez transformada em tradição, é hipnótica – e desejada, até. Mas demanda-se um tempo até que estratégias de produção ideológica convertam-se em tradição e, finalmente, Tradição²⁴. Hoje, ler Js 24 constitui uma viagem para dentro de nossa *própria* memória, porque a tradição já fez ninho em nós, já se fez *em* nós, já *nos fez*, ela já é “nós”, nós já somos ela. Lá, contudo, no momento, ali, todavia, no lugar em que ela está em formação – há vozes que “rosnam”, reclamam, reivindicam. Detienne lembra-nos de que, em *A República*, depois de toda a explicação de como se produzir uma bela cidade por meio do controle social por meio dos mitos, Sócrates é interpelado: “E o povo vai acreditar nos mitos? É possível fazê-lo acreditar?”, ao que Sócrates responde que os homens, esses que ouvem, eles mesmos, da própria boca dos mitólogos,

²³ Para a definição e descrição do termo, conferir RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Narrativas de Funcionalidade Mítico-Literária*. Em: *Revista Brasileira de Teologia*, n. 3, 2005. Também disponível em: http://www.ouviroevento.pro.br/publicados/Narrativas_mitico_literaria_1.htm

²⁴ Para a distinção que faço entre “tradição” e “Tradição”, conferir RIBEIRO, Osvaldo e Luiz. Tradição, doutrina e ideologia. Em: *Peroratio*, 2008/76. Também disponível em: <http://peroratio.blogspot.com/2008/11/220875-tradio-doutrina-e-ideologia.html>



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

os mitos que os põe cada qual em seu lugar, talvez não²⁵, mas seus filhos e netos, os homens das próximas gerações, os homens do futuro, quem sabe?²⁶

Pois bem – como interpretar, então, Ex 6,2-4? Diz-se, aí, sem rodeios, que Yahweh aparece a Moisés e lhe diz ser quem é: Yahweh. Isso o descobre Moisés. Yahweh diz mais: diz que apareceu a Abraão, a Isaque e a Jacó, mas que, por seu nome – Yahweh – ele não foi conhecido deles, mas pelo seu outro nome – El Shadday; “não lhes dei a conhecer meu nome” (v. 3). É como El Shadday – está implícito, não? que “fiz aliança com eles, prometendo-lhes a terra de Canaã” (v. 4).

O que está acontecendo aí? A essa altura, não se pode mais isolar essa passagem "eis, aí, Abraão" daquelas passagens constrangedoras (Ez 33,24²⁷; Is 63,16.19a; Js 24,2-3). Como se pode atravessar a ponte entre cada uma dessas passagens expostas como fraturas expostas no corpo da tradição?

Reúnam-se as peças – os vestígios, os indícios: a) há um Abraão que recebeu a promessa da terra; b) há um conflito em torno de Abraão e da terra herdada; c) há uma tradição camuflada, varrida para "debaixo do tapete", de que Abraão e os "habitantes daquelas ruínas" - eventualmente, todos os judaítas - tenham sido/sejam adoradores de outros deuses. Js 24 inteiro conclama a que o povo, que ouviu Josué, se torne, definitivamente, monolátrico, que deixe seus deuses! – e isso, se Haroldo e eu estamos certos, em pleno século VI, quase, se não já, VI!²⁸; d) há uma estratégia de trazer Abraão

²⁵ Esdras não tem de arrancar cabelos de um empedernido que não quer pôr fora a mulher de sua juventude? E por quê, senão pelo fato de que diante dos olhos encantadores dela, e das palavras enfeitiçantes dele, os dela *lhe pareciam* mais mágicos?

²⁶ DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. 2a. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/UnB, 1998, p. 174.

²⁷ Para a relação entre Ez 33,24 e Ex 6,8, conferir NIHAN, Christophe. *From Priestly Torah to Pentateuch*. Tubingen: Mohr Siebeck, 2007. Para a relação entre Ez 33,24 e Is 63,16, conferir ZIEMER, Benjamin. *Abram- Abraham*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2005, p. 247 e nota 437.

²⁸ Conferir nota 22 e o texto pertinente.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

(ele era herói do "povo das ruínas"!)) para o lado da *golah* (Js 24), e fazendo dele um adorador de Yahweh...²⁹

E aí está o curto-circuito. Nós não sabemos (coisas da tradição!), mas os ouvintes da narrativa mítico-literária de Js 24³⁰ sabem. Sabem o quê? Como assim? Abraão era servo de Yahweh? Coisa nenhuma! Ele era servo de El Shadday!

Instalada a reação crítica, há que se resolvê-la em duas frentes. Numa frente, imediata, não se descuide de entrever, em todo o tempo, a Pérsia, controlando cada movimento das peças. Quando falo Pérsia, quero dizer, literalmente, as forças políticas e militares persas. Isso garante a realização das coisas. Mas não a sua eficiência intersubjetiva. Para que a solução seja eficiente em longo prazo, é necessário produzir “memória”. É preciso corrigir a “versão”. A saída, quer-me parecer, é Ex 6,2-4.

Por hipótese: a) o povo da terra, os “habitantes daquelas ruínas” *sabe* que Abraão *fora* adorador de El Shadday; b) todas as tradições dessa gente a respeito da posse da terra passam por esse Abraão e esse El Shadday; c) porque vai tomar a terra dessa gente, a *golah* precisa, primeiro, tomar Abraão dessa gente; d) pela razão de ter a *golah* decidido construir-se em torno do serviço exclusivo a Yahweh, esse Abraão tem de ter sido, desde o início, adorador exclusivo de Yahweh; e) como o povo sabe que o nome da divindade a que Abraão servia era El Shadday, só resta uma alternativa: dizer que Yahweh e El Shadday eram a mesma divindade; f) como o povo sabia que Abraão não tinha a menor ideia de estar a serviço de Yahweh, a saída da *golah* é fazer Yahweh afirmar que ele

²⁹ Bel, Izabel, minha assessora para assuntos de excitação criativa, faz-me vir à memória aquela passagem famosa relativa ao estrategista/evangelista Paulo. Diante do Areópago, ele insinua a identificação entre “Deus” – o que ele prega – e o “Deus Desconhecido” – de um altar por ele encontrado em Atenas. Em termos histórico-fenomenológicos, claro, não há nenhuma relação entre um e outro. Mas a estratégia de Paulo, Bel tem razão, é a mesma do redator de Ex 6,2-4, e o que ali acontece é bem um paralelo adequado para At 17,22-23 e seguintes.

³⁰ (n.e.) Conceito já trabalhado na nota n. 23.



mesmo, Yahweh, não contara a Abraão seu verdadeiro nome, mas se apresentara a ele pelo nome com que, ele, Abraão, o conhecia: El Shadday.

Puxa vida! Cavamos tão fundo que já tocamos em lama – como aquela em que se julgou, nos primórdios da arqueologia bíblica, tratar-se de vestígios do dilúvio! Algumas vezes, a Tradição não soi ter um cheiro bom...

3. Induções a partir da plausibilidade da hipótese de trabalho à guisa de conclusão

Bem, se não laboro em erro, se há plausibilidade na hipótese de trabalho que defendo, a tradição veterotestamentária, o “canonical approach”, de Childs, o “contexto total da Bíblia”, de Lévinas, constitui o resultado de um processo de apropriação – indébita – da tradição. Fraude em todos os sentidos históricos – é por essa razão que, normalmente, defensores das tradições detestam história e crítica.

Se a base da retórica da *golah* é a memória, a tradição dos “habitantes daquelas ruínas”, então a camada mais antiga da tradição de Abraão, que se poderia reconstruir indiciariamente (se fiz certo o dever de casa!) a partir da Bíblia Hebraica dá-o como adorador de um deus (uma deusa?) chamado(a) El Shadday, que, na origem, nada tem a ver com Yahweh. Logo, Abraão não é javista.

Ligada a essa tradição, está a memória – a reivindicação política da posse da terra por parte da população remanescente – aquele contingente que não foi deportado para a Babilônia. Ora, faz-me supor que: a) se esse povo diz ser dono da terra, porque Abraão era o dono da terra; e b) se esse povo diz ser Abraão adorador de El Shadday – e não de Yahweh; então c) devo concluir que esse povo é, como Abraão, adorador de El Shadday, e não de Yahweh.



Pos-Escrito

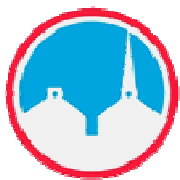
Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Se estiver certo o raciocínio, e se toda a hipótese mostrar-se plausível, segue incontornável afirmar que toda a camada tradicional do Antigo Testamento que apresenta Abraão como um adorador de Yahweh é recente, posterior a Ez 33,24; Is 63,16, Js 24,2-3 e Ex 6,2-4 – logo, toda ela, pós-exílica, necessariamente pós-exílica³¹.

O que impõe a seguinte reconstrução: após a saída estratégica de Ex 6,2-4, está na hora de, a partir da memória transgredida, reconstruir a história. Em Gn 12,1-8, já se pode dizer que Yahweh falou com Abraão, e mais, que o próprio Abraão construiu um altar a Yahweh e invocou o nome de Yahweh (v. 8). Ora, se imaginarmos que Gn 12,1-8 está sendo escrito antes de Ex 6,2-4, não faz sentido: se Abraão não conhece Yahweh pelo nome Yahweh, não pode invocá-lo pelo nome Yahweh. Se as duas passagens estão sendo escritas para o mesmo público, na mesma época, "não há de sair boa a broa", porque não se pode dizer para esse sujeito histórico aqui, diante de mim, de quem acabo de tomar a terra em nome de um Yahweh de quem Abraão nunca ouvira falar, porque Yahweh, à época tinha outro nome, que esse mesmo Abraão, que não sabe nada de Yahweh, ao menos, não é a ele que presta culto, a primeira coisa que ele faz é erigir a esse Yahweh – e não a El Shadday – um altar e invocar-lhe o nome. Mas, agora, se algum tempo depois – as gerações futuras, de que Sócrates fala em *A República*, aquelas que mais facilmente hão de crer nos mitos, tanta a distância da dor primeira, tantas as liturgias, as homilias, as celebrações, as lavagens (também as cerebrais) –, se algum tempo depois, eu dizia, Gn 12,1-8 é composto e lido *para* uma população que

³¹ Jean Louis SKA, depois de citar também Ez 33,24, faz referência ao fato de que se tem afirmado que as tradições "patriarcais" sejam pós-exílicas, por serem conhecidas apenas da literatura "profética" desse período e posterior. Contudo, ele próprio, contrariamente à tendência mais atual, argumenta que não se poderia "criar" uma tradição da noite para o dia. Em: *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2003, p.209. Não se trata, necessariamente, de criar – mas, contudo, se cooptar, ainda que "criar" não estivesse de todo descartado, como me parece ser o caso de "Josué", o general de Moisés. Talvez, hipóstase mítica de Josué, sumo-sacerdote do Templo de Jerusalém. O fato de tais tradições aparecerem na literatura desse período imediatamente pós-exílico teria por causa o fato de que, aí e então, os conflitos, cujas armas são, também, tradicionais, implicam na disfuncionalização das tradições adversárias e a cooptação da memória. Nesse caso, é um remédio bastante natural. Conferir RIBEIRO, Osvaldo Luiz. O general e o sacerdote: Josué como narrativa mítico-literária. Em: *Ouvir o evento*.

http://www.ouviroevento.pro.br/biblicoteologicos/O_general_e_o_sacerdote.htm



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

já cresce sobre a catequese de um Abraão “javista e monolátrico”, então – *voilà* – eis que se há de crer, como não contestaria Paul Veyne³².

É nessa esteira da “construção” da “memória” constitui não “memória” de *um povo*, muito menos de “gente pobre”, mas a construção ideológica, política, reacionária, programática, de gente muito poderosa, em torno da qual e sob a mesa de quem o povo pobre aprendeu a viver e comer, cães sob a mesa dos filhos... E cães, a gente sabe como é, são sempre cães... Nietzsche preferiu outras expressões menos evangélicas: “o animal doméstico, a rês gregária, enferma besta humana – o cristão...”³³.

Assim é, ou pode ter sido, de modo que, mais adiante, quando da composição, talvez a definitiva, do Pentateuco, contas sintáticas forem feitas, cálculos para que nenhum patriarca pré-diluviano vá morrer depois do dilúvio (nem afogado!), não se resista à tentação de ir ainda mais longe no tempo do que fora Gn 12,1-8, fazendo Abraão já ter sabido, contra Ex 6,2-4, que Yahweh era Yahweh. Agora, já Enoque (Gn 4,26) já o sabia – ele que fora, a crer agora nessa nova criação da memória, o primeiro a invocar a Yahweh.

Com isso, com essa audácia de tirar de Abraão, o pai de Isaque e de Jacó, o amigo de Yahweh (Yahweh faz amizade rápido!) do topo da lista dos inauguradores do culto de Yahweh, e de lá pôr um patriarca antediluviano, com isso, nada se põe, nada se tira de Abraão ou de Enoque, porque, em todos esses casos, em todas essas passagens, em toda essa memória, que volta e meia tentamos

³² Conferir VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Brasiliense, 1984.

³³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo*: ensaio de uma crítica ao cristianismo. Lisboa: Guimarães Editores, 1988, p. 16. Não me convidem para tratar o tema por meio das escolas do “símbolo”, da “memória”, sem que lhes dê a beber bastantes doses de consciência das estratégias políticas programáticas do *establishment* – que se deve retomar a “Tradição” de “Abraão, Isaque e Jacó”, a fileira de pedras javistas da fundação da fé veterotestamentária! Ela – como o cânon. Mas Childs não quer saber disso, certamente, e Lévinas tem mais preocupação com a Ética do que com a História, uma Ética, contudo, que se serve da História!



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

reverter a favor dos mais fracos, hipótese de uma terapêutica na qual se cura a doença com o veneno, nunca é de Abraão que se trata, nunca é de Enoque, nunca é nem sequer de Yahweh. O que está em jogo, do que se trata, aí, e sempre, é do poder de uns sobre outros, furtados esses, para sempre, até, da terra, do templo, do altar, da imagem, do nome.

Nem o nome lhe restou, nem o nome me restou, que me roubaram o direito histórico de saber que nome fora, afinal, o de meu Deus, se ele é mesmo, contra Marcião, o dos judeus, que Yahweh, eu sei, tu sabes, ele sabe, não é o nome, não, é uma palavra que a gente inventou [de dor de] por não ter nome com que chamar o “Desejado das Nações”.

Tradição – teu nome é crime!

VERSÕES BÍBLICAS UTILIZADAS³⁴

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista. 4ª reimpressão, agosto de 1989. São Paulo: Paulinas, 1989.

A BÍBLIA SAGRADA. Versão revista e corrigida e João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

A BÍBLIA SAGRADA. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida. 8ª impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1992.

BÍBLIA DO PEREGRINO, ALONSO-SCHÖKEL, Luís (ed.). Edição Brasileira. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA – EDIÇÃO PASTORAL. 5ª impressão revista, junho de 1992. São Paulo: Paulinas, 1992.

BÍBLIA – TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). 2 ed. São Paulo: Loyola, 1995.

BÍBLIA VOZES. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

Oswaldo Luiz Ribeiro

<http://lattes.cnpq.br/1596908442976138>

osvaldo@ouviroevento.pro.br

³⁴ (n.e.) A bibliografia completa foi referenciada ao longo das notas de rodapé, o acréscimo refere-se apenas às versões da bíblia para o português listada pelo autor